

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DE IDOSOS EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA¹

Rafael José Backes².

¹ Projeto de Extensão referente ao Estágio Básico Supervisionado do Curso de Psicologia da UNIJUÍ - Campus Santa Rosa.

² Acadêmico do Curso de Psicologia da Unijuí – Campus Santa Rosa.

Introdução

O presente trabalho é a sistematização do Estágio Básico realizado no acompanhamento psicológico de idosos em instituições de longa permanência. O estágio já finalizado teve a duração de um ano e carga horário de duas horas semanais totalizando cento e vinte horas.

O envelhecimento da população é um fenômeno mundial, isso demonstra a necessidade de instituir políticas e programas que se ocupem da qualidade de vida desta população. Estudos mostram que além de doenças crônicas como a hipertensão, artrite, reumatismo, diabetes, problemas cardíacos, osteoporose, entre outras, quando se trata de aspectos psicológicos, é significativa a ocorrência de depressão e de problemas cognitivos, com a perda de memória, raciocínio e outras funções mentais.

Assim, percebe-se que toda esta sintomatologia, quando não tratada adequadamente, acaba por atingir a capacidade funcional do idoso, ou seja, sua autonomia para gerir a vida, tornando-o total ou parcialmente dependente de cuidados. O projeto de acompanhamento psicológico de idosos teve por objetivo perceber, incentivar e desenvolver atividades que promovam a saúde psíquica desses idosos residentes.

Metodologia

O trabalho tem por metodologia o relato do projeto de extensão de Estágio Básico que se realiza pela escuta psicológica de idosos residentes em instituição de longa permanência e desenvolvido semanalmente. A partir da escuta e observação resultaram intervenções que contribuíram para o bem estar psíquico dos idosos.

Resultados e discussão

O projeto de Acompanhamento Psicológico de Idosos em Instituição de Longa Permanência foi desenvolvido em um Lar de Idosos que conta com 32 idosos, sendo 3 idosos e 29 idosas, em um município da região noroeste. O projeto fez parte do Estágio Básico Supervisionado do Curso de Psicologia da Unijuí – Campus Santa Rosa e visava a escuta, observação e o desenvolvimento de atividades com os idosos.

O Lar dos Idosos tem uma ampla estrutura e organização, com funcionárias de diversas áreas de atuação, com cozinheira, técnica em enfermagem, nutricionista, assistente social e cuidadoras de idosos, além da parte administrativa. O lar é uma associação e conta com diretoria que está em

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

vários momentos presente junto aos idosos. Percebe-se que o atendimento da equipe é realizado com atenção e dedicação. O Lar dos Idosos é uma instituição filantrópica, mas que exige o pagamento de um valor para a permanência do idoso, diferenciando o valor conforme as condições e o quarto que cada um ocupa, permitindo alguns privilégios para quem tem mais recursos.

Com a institucionalização percebe-se que os idosos apresentam uma sintomatologia indicativa de comprometimento, alguns mais outros menos, da sua saúde física e psíquica. Na observação é possível notar que a maior queixa é a perda de memória, que se associa muitas vezes a um estado de apatia e de desinteresse generalizado. Essa questão está presente em praticamente todos os idosos, pois as memórias são difíceis de serem buscadas e recuperadas, e não apresentam uma ordenação, aparecendo de forma aleatória.

Assim também, ao falar das memórias foi possível constatar que o tempo cronológico parece não estar presente, pelo menos não no sentido cronológico como se imagina que deva ser. O tempo para o idoso tem outra lógica que não a cronológica. Parece que a institucionalização faz com que o idoso se perca no tempo, pois lá eles são coordenados nos seus horários pelas funcionárias. E aqueles hábitos que foram adquirindo ao longo da vida, não estão mais presentes.

No caso mais específico de uma idosa do lar, que em questão de memória está preservada, relata que está com muita saudade de casa, das coisas dela, da vida que ela levava antes de ir para o lar. Relata também que gostaria de voltar para casa, mas as condições dela não permitem, sendo cadeirante sua casa tem vários níveis e degraus. Essa mesma idosa elogia a filha e os familiares pelo cuidado que eles têm com ela, pois estão presentes quase todos os dias no lar, realizando uma visita.

A partir da observação se projetou realizar outras atividades com os idosos para provocar uma interação, notada a demasiada quietude deles, pois dificilmente se percebe alguma conversa. No entanto, quando o Lar recebe visita de pessoas ou grupos que interagem com os idosos possibilitando algumas atividades diferentes, gera uma vibração positiva de animação. Percebe-se assim a necessidade de promover atividades que exercitem e permitam os idosos quebrar a rotina. Tais atividades quebram a monotonia do dia a dia e aliviam certo grau de sofrimento gerado pelo abandono e solidão. Aqui é possível trazer presente o trauma da diminuição da potência, onde “o sujeito vai percebendo, tanto no homem como na mulher, a série que vai da turgência à detumescência, tem o poder de significar a nível completamente corporal uma potência imaginária que encontra sua total equivalência de valor no reconhecimento social” (JERUSALINSKI, 1996, p. 5). E assim, coloca no imaginário aquilo que corporalmente não consegue mais realizar, resulta a necessidade de desenvolver o físico para não se sentir cada vez mais atrofiado e incapaz de realizar qualquer atividade.

Os maiores sofrimentos expressos pelos idosos são a saudade de casa e dos familiares, a dificuldade de aceitar os limites físicos e intelectuais impostos pela idade, a perda de memória, entre outros. Percebe-se também, certa dificuldade em falar sobre alguns assuntos, principalmente relacionados com a família, com a morte, isso quando são provocados a lembrar de sua história, o que pode ser decorrente da perda de memória ou de certa negação de recordar fatos e situações que causem

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

sofrimento. O trauma que Jerusalinski apresenta, da perda dos pares destaca a tendência a passivização, como forma defensiva para não se confrontar com a ineficácia dos seus atos ou o ensurdecimento. Cabe aqui, o papel do escutar, do acompanhamento psicológico aos idosos, e a possibilidade deles encontrar alguém que possa escutar a sua história, a sua palavra.

Todos eles deixaram suas casas, seus lugares, seus hábitos para ingressar na Instituição, e ali se submeter aos horários e normas. Tal mudança certamente gerou um sofrimento que com o passar do tempo foi se amenizando e a consequência é um fechar-se, acomodar-se. Percebe-se que a institucionalização provoca no idoso um aquietar-se, fechando-se em si mesmo. A oportunidade de conversar e realizar uma escuta permitiu que os idosos pudessem expor esse sofrimento, ajudando na conservação da saúde psíquica.

Foi possível perceber que existe a perda de memória em praticamente todos os idosos, onde inclusive, numa mesma tarde seja cumprimentado mais de uma vez pela mesma idosa. Isso mostra que são poucos os idosos que conseguem manter uma continuidade no diálogo, e quando isso se dá no tempo de uma semana para outra, é mais difícil ainda estabelecer a memória do que foi conversado ou mesmo, da presença do estagiário. Da mesma forma, é praticamente impossível saber por meio dos idosos, o que acontece no lar, ou seja, as atividades diferentes, pois, poucos são capazes de trazer alguma memória da semana.

Essa perda de memória e também o ser passivo do idoso pode ser uma defesa contra a constatação do envelhecimento, contra a proximidade da morte. Nesse período do estágio, houve o falecimento de uma idosa, dois dias antes do encontro de estágio, quando se procurou resgatar e conversar sobre essa morte, pouco se conseguiu dialogar. Parece que existe uma resistência em falar sobre a morte, pela proximidade com que ela se apresenta na vida do idoso. Por isso, o acompanhamento psicológico do idoso não pode ir pelo viés do mínimo necessário, mas precisa permitir e intervir para proporcionar ao idoso uma saúde psíquica, e que alivie seus sofrimentos e angústias diante do envelhecimento.

Com a institucionalização, o idoso, muitas vezes “fica mergulhado nas incapacitações e nas limitações derivadas do processo de envelhecimento. Há momentos em que ocorre uma cristalização, um congelamento ou até mesmo uma colagem do sujeito nessas incapacitações. Ou seja, o idoso passa muitas vezes a acreditar que não há mesmo mais possibilidade de futuro, que não há como fazer projetos, pois não há como projetar-se, por falta de tempo ou de saúde” (REBELLO, 2013, p. 97). Isso vai gerando nele uma parada, um esperar a vida passar, e conseqüentemente vai também ocasionando certa demência e falta de vontade de realizar qualquer tarefa.

No entanto, utilizando um objeto como gatilho a palavra começou a se fazer presente no grupo operativo, atividade desenvolvida a partir da observação, pois antes pouco estava presente ou era limitada a alguns poucos idosos que conversavam. Pode-se pensar aqui o quarto trauma do envelhecimento que Jerusalinski apresenta, onde os protagonistas são outros e com isso os idosos vão deixando para os outros a ação das suas vidas, como é perceptível na instituição de longa permanência, pois deixam tudo para as funcionárias fazer, mesmo tendo condições de realizar

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

algumas tarefas, os idosos não o fazem. Parece que vão se acomodando e deixando que os outros realizem e a isso, pode-se incluir a própria fala. “Essa cena da qual, vagarosamente os mais velhos vão saindo, para não suportar as consequências – devastadoras – dum esvaziamento do valor narcísico de sua imagem” (JERUSALINSKI, 1996, p. 5). Vão saindo de cena e deixando outros conduzirem suas vidas, quase que numa total dependência.

O que leva o idoso a tornar-se dependente dessa forma podem ser questões orgânicas, mas também questões psíquicas e assim, Winnicott, no livro *O ambiente e os processos de maturação* diz: “usa-se o termo desintegração para descrever uma defesa sofisticada, uma defesa que é uma produção ativa do caos contra a não integração na ausência de auxílio ao ego por parte da mãe, isto é, contra a ansiedade inimaginável ou arcaica resultante da falta de confiança no estágio de dependência absoluta” (CHERIX, 2013, p. 145). Compreende-se então que esse fechamento, ou seja, a demência, ou como o autor propõe, uma desintegração, pode ser uma defesa contra o sofrimento causado pelo isolamento e a ansiedade gerada pela estada na instituição de longa permanência e a também a finitude.

A passagem para uma instituição de longa permanência precisa ser elaborada, procurando evitar assim, essa ruptura do espaço social e familiar que o idoso ocupava, para um espaço onde ele seja apenas mais um. “Perder a própria casa e o lugar social que se ocupava na família ou no mundo requer um processo de luto. O trabalho de acompanhamento terapêutico confirma a importância de oferecer escuta para que idosos possam repensar seus projetos e manter algum tipo de atividade que lhes dê sentido para continuar investindo na vida” (CHERIX, 2013, p. 148). Pois, normalmente quando são colocados nas instituições os idosos vão aos poucos perdendo o sentido de investir na vida, de criar objetivos, pois o estar na instituição pode ter o significado de esperar a vida passar. E para evitar esse sofrimento e ansiedade vão elaborando defesas que ocasionam um fechamento para o outro, para o diálogo e para qualquer atividade.

No primeiro encontro do grupo operativo foi apresentada uma projeção com fotos dos próprios idosos. Fotos tiradas em vários momentos no Lar, com o objetivo de resgatar a história da permanência na instituição. Percebeu-se que alguns não conseguiam se reconhecer nas fotos e não acreditavam ser elas mesmas na foto. Isso, principalmente com uma idosa cadeirante que não conseguia se identificar na foto, somente após certa insistência ela aceitava ser ela própria. O uso da cadeira de rodas se deu dentro do Lar, observa-se uma defesa de não aceitação de sua condição de cadeirante e a dificuldade de aceitar seu corpo ou imagem envelhecida. Dessa forma, a imagem corporal está deturpada com o envelhecimento e com a situação de cadeirante, pois “o idoso acaba deturpando sua imagem corporal, negando tudo que contradiz o mito da juventude. Volta-se, então, para seu passado, idealizando-o, cai na fantasia de um paraíso onde hipoteticamente volta a ser jovem e desliga-se de sua realidade corporal. O repúdio ao próprio corpo é apenas mais uma consequência desse processo de auto depreciação” (CHNAIDERMAN, 2013, p. 47).

No entanto, outros idosos não tiveram dificuldade de reconhecer sua imagem projetada, mas sim, ficaram eufóricos ao aparecer na foto. Além disso, conseguiram relatar de forma clara os momentos de cada foto, ou seja, as festas onde as fotos foram tiradas, como por exemplo, o carnaval, copa do

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

mundo, etc. Conseguiu-se trabalhar com esse grupo o tempo de permanência dentro do Lar, pois conseguiram estabelecer as diversas festas realizadas durante o ano com o momento atual.

No segundo encontro do grupo operativo teve-se como gatilho um ferro de passar roupa aquecido por brasa e uma máquina de costura que funcionava com manivela, ou seja, duas peças antigas. Além de remeter ao tempo de sua infância, também remeteu ao tempo em que elas próprias usavam. Ao serem colocadas no centro do grupo, gerou-se um alvoroço e a conseqüente partilha de muitas experiências de vida. Era possível ver o brilho nos olhos e a recordação dos tempos antigos, e a palavra começou a fluir naturalmente e de forma espontânea no grupo. A ponto de ser preciso organizar a conversa para haver um diálogo.

No terceiro encontro do grupo operativo, o objeto gatilho foi uma panela polenteira que possibilitou a conversa sobre alimentação e o fazer a comida, do tempo em que elas próprias cozinhavam. Trouxeram presente a diferença do sabor da comida, a forma de preparar, e principalmente a palavra que circulou a partir do relato de todos os idosos presentes no grupo. Pode-se pensar na relação da alimentação com o corpo, pois alimentar-se é uma fonte de prazer e falar sobre isso permite elaborar, de certa forma, sua identidade no momento que reconhece seu corpo como fonte de prazer através da alimentação. “A identidade de qualquer pessoa depende, em grande parte, da relação que ela tem com seu corpo. Em outras palavras, para que se construam enunciados sobre a própria identidade, de modo a criar uma estrutura psíquica harmoniosa, é necessário que o corpo seja predominantemente tido como local de vida e prazer” (CHNAIDERMAN, 2013, p. 47).

No quarto encontro do grupo operativo foram projetadas imagens de famílias com idosos. Filhos com seus pais, netos com seus avôs, e não resultou em partilha, pois teve-se dificuldade de provocar o relato de experiências. Isso decorre do fato que ter sido motivado uma conversa sobre suas próprias famílias, o que resultou em uma resistência de buscar memórias que possam gerar sofrimento com as perdas que aconteceram. Assim, “a entrada na velhice deflagra uma crise subjetiva que, apoiada na constituição psíquica, na história e no contexto social do sujeito, pode ou não abrir inúmeras possibilidades de resignificação. (...) A escuta se coloca a serviço de resistir ao apagamento e à paralisia desse processo, potencializando-o. Nesse sentido, o atendimento terapêutico, lado a lado com o paciente, resiste à desistência eminente ou acompanha o idoso na escolha de se apagar diante de tamanha força, trabalho muito doloroso” (PEIXEIRO, 2013, p. 73).

Com os objetos gatilho apresentados no grupo, as memórias foram aparecendo e acredita-se que isso tenha ajudado a diminuir o sofrimento que a ruptura com a vida anterior ao Lar tenha ocasionado. Pois, foram em vários momentos destacadas as diferenças entre o hoje e o antigamente. Dessa forma, possibilitando resignificar o presente ao se situar com as coisas do passado. “A falta de reconhecimento simbólico tem efeitos cruciais para a subjetividade. Não ser investido no presente, (...), impossibilita a visualização de perspectivas de futuro, restando ao velho a rememoração do passado como um lugar idealizado sem possibilidade de resignificação” (BARBIERI, 2013, p. 78).

Conclusões

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

Considerando o estágio básico conclui-se que o acompanhamento psicológico em instituição de longa permanência é fundamental. O sofrimento e a ansiedade das perdas, além da institucionalização precisa ser elaborada pelos idosos e por isso a escuta psicológica permite que possam amenizar seus sofrimentos.

O trabalho com grupos operativos proporcionou uma abertura e o circular da palavra que antes não havia. A partir do gatilho a distância da vida hoje com a história pode ser diminuída. Assim, acredito que o presente projeto de estágio, alcançou de certa forma seus objetivos, de ser um primeiro contato com o campo de trabalho do psicólogo, proporcionando um crescimento na saúde psíquica aos idosos que participaram do grupo.

Angústias e incertezas fizeram-se presentes, pois lidar com o envelhecimento é trabalhar com um campo desconhecido da pessoa e da qual o idoso está descobrindo. A vontade é de fazer sempre mais por aquelas pessoas que no Lar se encontram debilitadas, mesmo diante das frustrações e das dificuldades de realizar uma atividade com eles.

Ao encerrar o estágio, sabe-se que o caminho para formação é esse, mas que precisa ser construído, com estudo, pois o estágio derrubou muitas certezas e fez perceber que o constante aperfeiçoamento é necessário e que o saber psicológico nunca se esgota, mas se abre para novas possibilidades.

Palavras-chave

Envelhecimento, Lar de Idosos, Saúde Psíquica, Escuta Psicológica.

Referências Bibliográficas

BARBIERI, N. A. Escuta e criação de projetos: observações sobre a clínica do acompanhamento terapêutico e o envelhecimento. In. BARBIERI, Natália A.; BAPTISTA, Carolina G., org. Travessias do Tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

CHERIX, K. Viver com demência: relato de um acompanhamento terapêutico em instituição. In. BARBIERI, Natália A.; BAPTISTA, Carolina G., org. Travessias do Tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

CHNAIDERMAN, M. O mito do corpo jovem a qualquer preço. In. BARBIERI, Natália A.; BAPTISTA, Carolina G., org. Travessias do Tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

JERUZALINSKY, A. Psicologia do Envelhecimento. In: Correio da APOA. Informativo da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, nº 42, dez. de 1996.

PEIXEIRO, M. H. Desamparo e velhice: uma travessia acompanhada. In. BARBIERI, Natália A.; BAPTISTA, Carolina G., org. Travessias do Tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

REBELLO, L. Acompanhamento terapêutico com idosos: além do mínimo necessário. In. BARBIERI, N. A.; BAPTISTA, C. G., org. Travessias do Tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.